

MATERIAL DE APOIO

MINICURSO:

Cultura e gênero: uma interpretação à luz da política das emoções

AUTORAS:

ANA LUIZA ROCHA GOMIDE

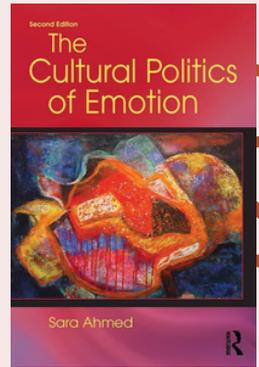
ANA LÍVIA AYRES CARDOSO



INTRODUÇÃO

A partir da perspectiva de Sara Ahmed (2015), no livro "The Cultural Politics of Emotion", as emoções podem ser compreendidas como aquilo que é responsável por moldar corpos individuais e também coletivos. Ao mesmo tempo, é possível afirmar que há uma resistência em se identificar enquanto um indivíduo emotivo/emocional, já que isto é socialmente visto como uma fraqueza.

Para a autora, isso é justificado pela existência de uma hierarquia de emoções, sendo que algumas são associadas à força e outras à fraqueza. Um exemplo disso é a racionalidade, que é tida como a ausência de emoção e associada ao que é estratégico, ao que é forte. Contudo, para Ahmed (2015), podemos considerar a racionalidade também uma emoção, esse é o diferencial no pensamento dela.



AHMED, Sara. The Cultural Politics of Emotion. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2015.

Dito isso, é preciso compreender como as emoções são responsáveis por moldar corpos. Em um primeiro momento, é necessário destacar que, na perspectiva da política dos afetos, as ações irão gerar reações e, nesta lógica, nossas ações são, na realidade, reações a uma ação prévia, de modo que como agimos e o que fazemos é moldado pelo contato que temos com outros corpos. Deste modo, a percepção que temos sobre algo ou alguém, se desenvolvemos sentimentos de amor ou aversão por esse corpo, não está associado à ideia de se esse corpo é bom ou ruim, mas sim como nós somos afetados por esse corpo.



INTRODUÇÃO

As emoções também são responsáveis por unir o corpo social, de forma que a percepção e as emoções que tenho em relação a um determinado objeto serão influenciadas pelo outro. Neste caso, como já explicitado anteriormente, as minhas emoções gravam impressões no outro e as emoções do outro marcam impressões em mim sobre o outro (Ahmed, 2015). Essa lógica se conecta à lógica construtivista sobre cultura e criação de identidades. Segundo o autor Ted Hopf (2002), as identidades individuais estão associadas a práticas discursivas de uma língua, a qual restringe e molda as identidades dos indivíduos ao mesmo tempo que essas identidades criam o discurso e a estrutura social cognitiva. Ademais, identidades só podem ser compreendidas quando relacionadas, ou seja, só se compreende o que é o Eu a partir do conhecimento da existência do Outro, assim, ambos os agentes devem existir e se encontrar (Hopf, 2002). Como mencionado, as identidades se relacionam com a práticas, com isso, conclui-se que uma **identidade é construída pela rotina, repetição, hábitos, pelo dia a dia** e, da mesma forma, são construídas as emoções, que fazem parte de uma identidade.

Seguindo a perspectiva introduzida nesta seção, serão explicadas algumas das emoções apresentadas por Sara Ahmed em seu livro “The Cultural Politics of Emotion”. O objetivo é apresentar formas de entender como algumas dessas emoções podem ser compreendidas politicamente e como uma lente de análise para o estudo das relações internacionais.



DOR

A dor, para Sara Ahmed, é um sentimento que, ao mesmo tempo que separa, une corpos. Para compreender isso é necessário primeiro definir o que se entende por dor e, para esta teoria, é uma experiência que envolve associações entre elementos sensoriais e sentimento de aversão (Ahmed, 2015). A dor é a emoção que nos permite perceber que nosso corpo é o que nos separa dos outros, definindo um “espaço” interno e externo. Quando um indivíduo experimenta um encontro doloroso com outros, uma experiência que gera desconforto para si, essa experiência passa por um julgamento interno e será nomeada como dolorosa. A partir deste processo desenvolve-se uma percepção de existência de fronteiras entre os corpos.



Assim, é natural buscar distância do que causa dor, reforçando a separação entre os corpos. Os encontros abrangem um espectro entre dor e prazer. Por exemplo, se alguém nos machuca, cria-se uma percepção negativa do outro, transformando "isso machuca" em "você me machucou". Isso aprofunda as fronteiras e atribui valor. Apesar de individual, a dor é socializada, testemunhada por outro corpo. Essa sociabilidade passa por um processo moral, gerando comoção. O sentimento se transfere e transforma, da dor do Outro para a tristeza do Eu (Ahmed, 2015).

“É através dessas colisões que eu formo uma sensação de que estou (mais ou menos) separado dos outros, bem como uma sensação das superfícies do meu corpo.” (Ahmed, 2015, p. 26, tradução nossa).

No original: "It is through such collisions that I form a sense of myself as (more or less) apart from others, as well as a sense of the surfaces of my body."

MEDO

O medo, assim como a dor, é uma emoção negativa, mas, além de ser sentido no presente, ele se relaciona com a ansiedade e a angústia em relação ao futuro, antecipando sofrimento ou lesões futuras, correspondendo não a uma realidade existente, mas ao que se aproxima (Ahmed, 2015). O medo é uma afirmação para si mesmo, contudo, esse sentimento é compreendido como o outro sendo a causa dele, de forma que aproxima e afasta por meio da aversão sentida no encontro entre o Eu e o Outro. Segundo Ahmed (2015), tais concepções sobre o outro, determinadas pelo medo, são usadas como justificativa para a violência sofrida por indivíduos considerados uma ameaça ao corpo do Eu, o qual entende que a existência do outro é uma ameaça à própria vida. Este sentimento corrobora para o processo de determinação dos espaços a serem ocupados por determinados corpos.

A autora utiliza como exemplo o medo sentido pelo homem negro, pois é um sentimento dependente de histórias passadas de associação, ligando a imagem deste corpo a características negativas. O medo gerado através de representações é o que permite que este medo exista também no presente (Ahmed, 2015). Deste modo, pode-se compreender que a construção dessa imagem criada a respeito do outro é construída socialmente e culturalmente, por meio da repetição e associação. Ainda, a falta de conhecimento da fonte do medo torna o mundo ainda mais ameaçador, de forma que cria-se um medo de que o outro seja o culpado pela perda do objeto estimado, legitimando a aversão a estes corpos, assim,

“[...] o medo funciona para restringir alguns corpos através do movimento ou expansão de outros” (Ahmed, 2015, p. 69, tradução nossa).

No original: “[...] fear works to restrict some bodies through the movement or expansion of others.”



AMOR

Ao tratar sobre o amor, Ahmed (2015) utiliza de muitos conceitos da área da psicologia, de forma que constrói uma ponte entre essa emoção no nível individual e no nível coletivo e nacional. Partindo da perspectiva de Freud, a autora pontua que socialmente há uma busca pela felicidade e tentativa de evitar o sofrimento e a dor traduzidos pelo ato de centralizar o amor, tornando esta emoção o objeto e objetivo principal de um indivíduo. A busca da aprovação do objeto amado demonstra de que maneira esse sentimento confere valor aos outros, dessa forma o objeto amado só se torna ideal a partir da aprovação de pessoas queridas (Ahmed, 2015).



O amor é um elemento crucial também para a formação de grupos e identidades, pois estes só se formam com a existência de um eixo comum em direção a um único objeto. Tratando do amor por uma nação, este é um amor baseado principalmente na esperança, pois é um amor que não será retribuído pelo objeto. Neste caso, será retribuído no futuro pelas gerações seguintes. Quando uma nação fracassa, ainda assim há a permanência do amor, pois

“O amor é narrado como a emoção que dinamiza o trabalho desses grupos; é por amor que o grupo procura defender a nação contra os outros.” (Ahmed, 2015, p. 122, tradução nossa).

No original: “Love is narrated as the emotion that energises the work of such groups; it is out of love that the group seeks to defend the nation against others.”

ÓDIO

No capítulo “The Organisation of Hate”, Ahmed (2015) trata, além do ódio, também sobre o amor, ao relacionar esses sentimentos que parecem ambivalentes mas que, na realidade, estão intimamente ligados. A autora constrói sua argumentação em torno de exemplos de discursos xenofóbicos que reforçam preconceitos contra imigrantes (sobretudo não brancos), com a justificativa de que os nacionais perderiam emprego, dinheiro e terras para eles. Ou seja, ocorre uma inversão de narrativa, aqui tem-se o sujeito comum como a vítima, como quem sairia lesado com a vinda de imigrantes ao seu país. Com essa distorção da realidade, os corpos dos outros (no caso, os imigrantes) passam a ser odiados pois eles representam uma ameaça ao sujeito comum.

Um dos exemplos utilizados ao tratar sobre o amor são alguns **“grupos de ódio”** que justificam suas ações pelo amor, de forma que por **“amor à nação”** buscam defendê-la do Outro que pode ameaçá-la. Desta forma, ao odiar o outro (aquele que se apresenta como diferente), o sujeito comum está amando a si mesmo (e a seus “iguais”), ou seja, **“porque amamos, odiamos, e esse ódio é o que nos une”** (Ahmed, 2015, p. 55, tradução nossa). Nesse sentido, o ódio é ambivalente, ele não é o oposto do amor, mas sim está ligado ao amor, em outras palavras, o amor é a pré-condição do ódio (o ódio é gerado por causa de frustrações relacionadas ao que antes era visto como amor).

“Se a exigência de amor é a exigência de presença, e a frustração é a consequência do fracasso necessário dessa exigência, então o ódio e o amor estão intimamente ligados, na intensidade da negociação entre presença e ausência” (Ahmed, 2015, p. 63, tradução nossa).



No original: “If the demand for love is the demand for presence, and frustration is the consequence of the necessary failure of that demand, then hate and love are intimately tied together, in the intensity of the negotiation between presence and absence.”

PERSPECTIVA FEMINISTA

No capítulo “Feminist Attachments”, Ahmed (2015) afirma que há uma hierarquia, no senso comum, entre razão e emoção, na qual aquela ocupa o topo e é representada pela figura masculina/ocidental, enquanto essa é inferior e associada à feminilidade/sujeitos racializados. Logo, nessa lógica, o feminismo se encontraria classificado como emocional. Entretanto, para a autora, a resposta das feministas a essa crítica não deve ser a afirmação de que o feminismo é plenamente racional e não permeado por emoções. Já que, ao fazer isso, reforçariam essa lógica dualista entre emoções e pensamentos racionais, o que é crucial para a subordinação do feminismo. Portanto, para Ahmed (2015), é necessário contestar esse entendimento das emoções como “não pensadas” e dos pensamentos racionais como “não emocionais”.

Assim sendo, a proposta do capítulo é entender “[...] **como o feminismo envolve uma resposta emocional ao mundo, onde a forma dessa resposta envolve uma reorientação da relação corporal de alguém com as normas sociais**” (Ahmed, 2015, p. 202, tradução nossa). Logo, para compreender o papel das emoções na politização dos indivíduos, a autora aponta as emoções que foram cruciais para inseri-la ao feminismo: a raiva, a dor, o amor, a admiração, a alegria e a esperança. Contudo, ela foca em três dessas: raiva (das desigualdades de gênero que devem ser usadas como base para uma crítica do mundo), admiração (é ela que possibilita perceber que a dor e a raiva não são necessárias e podem ser desfeitas) e esperança (a raiva sem esperança pode causar desmotivação e, até mesmo, desespero, por isso a esperança é extremamente necessária para manter-nos na luta, inclusive nos casos que mudanças parecem impossíveis).



QUEER FEELINGS

No capítulo “Queer Feelings”, Ahmed (2015) discorre sobre como a heterossexualidade compulsória molda o comportamento dos corpos, tanto heterossexuais quanto não heterossexuais. Desta maneira, **“os corpos assumem a forma de normas que se repetem ao longo do tempo e com força”** (Ahmed, 2015, p. 172, tradução nossa), normas as quais, segundo a autora, funcionam como uma espécie de LER (lesão por esforço repetitivo), de tanto serem repetidas os corpos passam a assimilá-las. Contudo, ela deixa claro que ninguém é obrigado a seguir à heteronormatividade, porém, os efeitos de não segui-la são dolorosos, o custo psíquico e social de se enxergar como um corpo queer e amar um corpo queer pode ser vergonhoso e melancólico.

No original: “bodies take the shape of norms that are repeated over time and with force.”

“Os efeitos negativos de “não exatamente” viver dentro das normas mostram-nos como amar amores que não são “normativos” envolve estar sujeito a tais normas precisamente nos custos e danos que incorremos quando não as seguimos” (Ahmed, 2015, p. 173, tradução nossa).

No original: “The negative affects of ‘not quite’ living in the norms show us how loving loves that are not ‘normative’ involves being subject to such norms precisely in the costs and damage that are incurred when not following them.”

A esse respeito, Ahmed (2015) aponta que corpos queer vivenciam sensação de desconforto (por não se encaixarem nessa heteronormatividade), mas também uma sensação de excitação perante à incerteza da onde esse desconforto pode os levar. Em contrapartida, enquanto corpos queer vivenciam esse desconforto, corpos heterossexuais experimentam do conforto que, muitas vezes, não chega a ser percebido por eles.

QUEER FEELINGS

A autora aponta aqui sua vivência pessoal e relata que, por ter vivenciado por muitos anos o conforto da vida heterossexual, mesmo tendo uma postura crítica e reflexiva, somente se deu conta de alguns de seus privilégios agora que se entende como queer.

“Para queers, demonstrar prazer através do que fazemos com nossos corpos é tornar o conforto da heterossexualidade menos confortável” (Ahmed, 2015, p. 195, tradução nossa).

No original: “For queers, to display pleasure through what we do with our bodies is to make the comforts of heterosexuality less comfortable.”



CONCLUSÃO

O objetivo do livro "The Cultural Politics of Emotion" e, por consequência, desse material de apoio, é mostrar como as emoções moldam a percepção dos agentes, de modo que os outros são fontes de nossos sentimentos e nossas ações são moldadas pelo contato com o novo. Nesse sentido, entra o debate cultural, de forma que as emoções se traduzem na cultura política. A partir disso é possível pensar sobre emoções como o **medo**, por exemplo, que corrobora para a manutenção das estruturas sociais vigentes constringendo corpos e definindo os espaços que estes podem ocupar. Assim como a **dor**, que é, ao mesmo tempo, um sentimento que separa e une corpos (é natural buscarmos distância daquilo que nos causa dor, contudo o processo de sociabilização da dor gera comoção e empatia, resultando em um senso de aproximação e união). Já sobre o **amor** e o **ódio**, chegamos à conclusão, através dos escritos de Ahmed (2015), que não são opostos mas sim extremamente ligados, na medida em que o amor é a pré-condição do ódio.

Por fim, os capítulos sobre **perspectiva feminista e sentimentos queer** foram os que mais a autora expressou seus pontos de vistas, relatos e vivências. Em resumo, sobre o feminismo, ela descreveu as emoções que foram cruciais para inseri-la ao movimento. Já sobre o sentimento queer, ela ressalta a diferença na percepção de seus privilégios quando ela se entendia como uma pessoa heterossexual e agora que se entende como queer. Essa forma de escrita pessoal faz com que nos aproximemos da autora e de sua obra e consigamos criar uma conexão com elas - o que, inclusive, consideramos um dos diferenciais do texto.

CONCLUSÃO

“Através das emoções, o passado persiste na superfície dos corpos. As emoções mostram-nos como as histórias permanecem vivas, mesmo quando não são lembradas conscientemente; como as histórias de colonialismo, escravidão e violência moldam vidas e mundos no presente. O momento da emoção nem sempre é sobre o passado e como ele permanece. As emoções também abrem futuros, na medida em que envolvem diferentes orientações para outros” (Ahmed, 2015, p. 237-238, tradução nossa).

No original: “Through emotions, the past persists on the surface of bodies. Emotions show us how histories stay alive, even when they are not consciously remembered; how histories of colonialism, slavery, and violence shape lives and worlds in the present. The time of emotion is not always about the past, and how it sticks. Emotions also open up futures, in the ways they involve different orientations to others.”

Esperamos que esse material tenha despertado em você um interesse pela temática da política das emoções. Ele foi desenvolvido com muito estudo, dedicação, cuidado e carinho por nós; fique à vontade para consultá-lo quando necessário!

Agora que você já conhece os pontos principais dessa teoria, nos vemos no nosso minicurso, para que possamos debater mais sobre o assunto. Esperamos que esse encontro seja um espaço de ricas trocas de informações, conhecimento e, sobretudo, emoções e afetos!



REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. The Cultural Politics of Emotion. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2015.

HOPF, Ted. Social Construction of International Politics: identities & foreign policies, Moscow, 1955 and 1999. Cornell University Press, 2002.

IMPORTANTE!

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, para fins comerciais, sujeitando-se o infrator às penalidades cíveis e criminais cabíveis.

Apostila produzida pelo Grupo de Pesquisa em Gênero e Relações Internacionais
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP)

Responsável pela confecção da apostila: Thamires Cristina Vasques Durante